

O princípio da paz e a família - mediação de conflitos e filosofia sistêmica



MAGALI PENNA

MEDIADORA/ CONCILIADORA DA CÂMARASIN, CERTIFICADA PELO CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA (CNJ). MESTRE EM EDUCAÇÃO E FILOSOFIA, COM GRADUAÇÃO E LICENCIATURA NOS CURSOS DE FILOSOFIA E ARTES, PELA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP). TAMBÉM É PALESTRANTE E PROFESSORA UNIVERSITÁRIA.

A mediação é uma das principais e eficazes maneiras de se resolver um conflito, buscando o entendimento entre as pessoas. E, como aspecto pedagógico, traz a possibilidade da autonomia quando possibilita um aprendizado para a solução de questões, que poderá ser utilizado sempre que for necessário ou desejado.

Do mediador é imprescindível a neutralidade, exigida também para o facilitador de constelações familiares sistêmicas. A filosofia sistêmica abrange uma série de conceitos organizados pelo filósofo alemão Bert Hellinger, onde se inclui a Constelação Familiar Sistêmica. Estes conceitos se baseiam numa postura de vida que respeita as premissas básicas contidas nas Leis do Amor, ou Leis da Vida, que são: Pertencimento (todo mundo pertence); Ordem (quem chegou primeiro tem precedência) e Equilíbrio (só há relação entre iguais onde há troca).

Há alguns pontos de intersecção na mediação e na filosofia sistêmica que espero trazer aqui. Para ilustrar, trago situações do filme O Insulto. A história se passa em Beirute, onde Toni, um libanês cristão se desentende com Yasser, um refugiado palestino. O enredo mostra como uma fâsca, um insulto, pode se converter num incêndio: explicita a escalada do conflito, numa estrutura narrativa de círculos concêntricos que se ampliam. O desacordo cresce tomando proporções gigantes, com repercussão na mídia e dimensão nacional.

No início do filme, quando uma equipe vem consertar um vazamento na sua varanda, não entendemos o motivo que leva Toni a não aceitar e até desprezar essa atitude. Com o desenrolar do filme percebemos que existem aspectos muito profundos do que Bert Hellinger chama de lealdade à dor dos antepassados, a serviço da Lei Sistêmica do Pertencimento.

O filme mostra a ampliação do conflito, como vemos acontecer muitas vezes nas sessões de mediação. É um círculo vicioso de ação e reação dos envolvidos. Cada reação torna-se mais severa do que a ação que a precedeu, criando um novo ponto de disputa. Assim, as causas que deram origem ao conflito vão se tornando secundárias. Percebemos que a situação está fundamentada no olhar para trás: para o que já aconteceu e deixou marcas. Percebendo a origem lá atrás, entramos na filosofia sistêmica.

Criamos conflitos, ou somos atraídos para eles, muito em função da consciência leve, um outro conceito inovador de Bert Hellinger. Ficar de consciência leve, segundo ele, é “fazer o certo para meu grupo (incluindo família)”. Ou seja: se é certo na minha família roubar, eu fico de consciência leve fazendo o mesmo; se a maioria das mulheres da minha família têm câncer de seio, se eu tiver também fico de consciência leve. A consciência pesada, que me permite fazer um pouco diferente do que meus antepassados fizeram, mas ainda assim continuar pertencendo ao meu grupo, é como o nome diz, pesada. E muitos, muitos de nós, quase sempre optamos pela consciência leve. Então, trazemos o conflito que se arrasta pela família, que aconteceu há tempos passados, para uma situação que nada tem a ver com ele: um conserto de cano vazando na varanda.

No filme há um entrave quanto à solicitação inflexível de Toni: ele quer um pedido de desculpas. Quer validação dos seus sentimentos. Como



vemos, muitas vezes, nas mediações. Yasser, no entanto, lhe diz “sinto muito”. Mais uma brecha para apresentar outro conceito de Bert Hellinger. Na filosofia sistêmica não se pede perdão nem tampouco se perdoa alguém. Ninguém é melhor que ninguém para ter a “prepotência” de perdoar.

Todos erramos. Conforme os ensinamentos de Bert Hellinger, quem perdoa se coloca em posição de superioridade, pois afirma “você estava errado e eu estava certo”. Expressar “sinto muito” tem o mesmo efeito do que conhecemos como perdão, porém não deixa ninguém em dívida, não torna ninguém superior ou maior que o outro. A responsabilidade fica dividida, equilibrada, igualando as posições entre as pessoas. O “sinto muito” quando dito com verdade é o perdão que liberta, como se pode ver no filme.

Para concluir, a pacificação pode retornar quando há a possibilidade da Lei do Equilíbrio. Toni havia dado um soco em Yasser e este, quando está na postura da reconciliação, provoca-o até que receba um soco também. Nesse momento estão quites. Todos respiramos aliviados. Já é possível olhar para a frente, traçar novas fronteiras.

O princípio da paz é resumido por Bert Hellinger na frase: “eu reconheço que todos são, perante algo maior, iguais a mim”. Ou seja: todos pertencem. A Lei do Pertencimento vigora no grupo familiar. Esse direito é negado a alguns membros em muitas famílias e grupos familiares.

Por exemplo: um homem casado (ou mulher) tem um filho fora do casamento e sua mulher diz: “não quero saber dessa criança nem da mãe dela. Elas não pertencem à nossa família”. Ou, ainda, quando um membro da família exhibe um comportamento que foge às regras, os outros lhe dizem: “você é uma vergonha para nós e, por isso, o excluimos da família”.

Muitos dos casos de arrogância moral significam apenas, na prática, que uns estão dizendo aos outros: “temos mais direitos de pertencer à família do que vocês”. Ou: “vocês têm menos direito de pertencer que nós”. Nesse contexto, “bom” significa apenas “tenho mais direitos” e “mau” significa somente: “você tem menos direitos”. Este é o caso do filme. Este é o caso em muitas famílias.